

Reta final da COP-20 pode abraçar proposta brasileira

Categories : [Reportagens](#)

Entrou na reta final a vigésima Conferência das Partes da Convenção sobre Mudanças Climáticas da ONU, a chamada COP-20, sediada em Lima. O objetivo é alcançar o acordo climático global a ser sacramentado por 190 países o ano que vem em Paris, na COP21, e que entrará em vigor em 2020. Os representantes de governo sabem que apenas um consenso firmado no Peru dará tempo hábil para que o chamado "Pós-Kyoto" seja implementado. E foi assim que deram início ontem (9) à reunião do chamado Segmento de Alto Nível, última etapa da conferência, que elabora seu documento final.

Poucos governantes estiveram em Lima até agora. Por enquanto, as estrelas da COP-20 são o secretário de Estado dos Estados Unidos, John Kerry, o ex-vice-presidente norte-americano Al Gore e o secretário geral da ONU, Ban Ki-Moon. Outra presença aguardada com expectativa, a ministra brasileira do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, também já está no Peru. Até o momento, a proposta brasileira é a tábua de salvação na qual se agarram diplomatas e governantes para um acordo.

O chamado *Draft Zero* (Rascunho Zero), tese guia para o documento final da Conferência, tem como referência a proposta brasileira dos "círculos concêntricos", que estabelece obrigações para todos os países, mas de forma diferenciada, e poderia vencer a resistência de emergentes como China e Índia, cuja oposição, nos últimos cinco anos, contribuiu para paralisar as negociações.

A proposta dos círculos concêntricos divide os países em três grupos: 1) no círculo central estão as 37 nações mais industrializadas, que deverão assumir metas de redução das emissões de gases de efeito estufa e também contribuir financeiramente para o Fundo Global do Clima; 2) no círculo seguinte estão os países emergentes, como o Brasil, que também terão metas de redução, mas voluntárias e sujeitas a mudanças provocadas por fatores como aumento do PIB ou da população; 3) No terceiro e mais amplo círculo ficam os países mais pobres, em sua maioria africanos ou asiáticos, que seriam encorajados financeira e tecnologicamente a adotar modos de produção sustentáveis.

Segundo a proposta brasileira, com o tempo, todos os países devem convergir para o círculo central, momento em que o conjunto das nações chegará à redução estimada para evitar que o aumento da temperatura da Terra ultrapasse o limite – considerado perigoso – de dois graus Celsius: "A vantagem da proposta é que você enxerga no tempo a evolução da sua posição, diferentemente do que temos hoje, onde a contribuição é estática. Com o Protocolo de Kyoto, os países tinham que reduzir 'x' por cento em relação a 1990, mas ninguém cumpriu", disse Izabella Teixeira, em entrevista exclusiva a ((o))eco concedida horas antes de embarcar para Lima.

Para a ministra, a proposta é viável por três razões: "Primeiro, porque permite que todo mundo entre no jogo. Segundo, porque permite que cada governo e cada sociedade faça sua própria trajetória para chegar ao centro do círculo. Terceiro, porque dialoga com a meta de dois graus".

Ao interligar as metas dos três grupos de países, a proposta brasileira pretende abarcar, pela primeira vez, os países mais pobres em um acordo vinculante: "Se um país em desenvolvimento vai emitir a partir de sua matriz energética e a gente pode transferir tecnologia para que essa matriz seja transformada com base renovável, estaremos mudando a curva de emissões desse país. Então, mesmo não sendo compulsório, faremos com que esse país voluntariamente reduza emissões em um cenário projetado. Essa pode ser uma obrigação, mesmo sendo de um país mais pobre", disse Teixeira.

ONGs céticas, governo afirmativo